

O MANEQUINHO

JORNAL DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AMIGOS DE BOTAFOGO - AMAB

ANO VII - Nº 44 - MAIO A AGOSTO DE 2012

Patrimônio Cultural da Humanidade sofre com o descaso dos governantes

Eleita em julho deste ano, na categoria Paisagem Cultural Urbana, a cidade do Rio tem um de seus mais belos cartões-postais sofrendo com a poluição

» P.6 e 7



Foto: Karla Vidal

Foto: Cristine Flores



Moradores lutam pela regulamentação dos sobrevoos de helicópteros na zona sul

» P.3



Foto: Karla Vidal

Moradores se unem para restaurar Praça Mauro Duarte

» P.8

Licença é aprovada e moradores temem o resultado da Linha 4 do Metrô

» P.9



Conselho Diretor:

Presidente

Regina Lúcia Farias de Abreu Chiaradia

Vice-Presidente

João Carlos Teixeira Soares

1º Secretário

Elisa Fontes

2º Secretário

Alcyr dos Prazeres Pinto Nordi

Diretor de Finanças

Cesar dos Prazeres Pinto Nordi

Diretor de Administração e Patrimônio

Fernando de Carvalho Turino

Diretor de Urbanismo e Meio Ambiente

Sergio Rodrigues Bahia

Diretor de Divulgação e Relações Públicas

Elizabeth Villaça Wanderley

Diretor Social e Cultural

Geraldo de Oliveira Dias



Informativo da Associação de Moradores e Amigos de Botafogo

Editor Responsável

Renato Faria

Conselho Editorial

Regina Chiaradia, Elisa Fontes e Sérgio Bahia

Colaborador

Milton Teixeira

Repórter

Karla Vidal

Projeto Gráfico e Diagramação

Mídia Press Comunicação

Gerente Comercial

Edson Santos

Fone: 3564-2823 / 9601-8945

Redação e comercial

Fone: 9102-4704

midiaexpresscom@gmail.com

Gráfica

Folha Dirigida

Tiragem

10.000 - Distribuição Gratuita



Os e-mails de leitores devem ser enviados para amab@centroin.com.br. O jornal se reserva no direito de publicar ou não as cartas, podendo editá-las. Os artigos assinados são de responsabilidade dos próprios autores.

Jornalista Responsável
Karla Vidal (MTB: 327589)

EDITORIAL

Horário Eleitoral Gratuito

As eleições são em outubro, mas já estamos sofrendo com a propaganda eleitoral que invadiu nossas casas divulgando nomes, números e partidos.

A propaganda eleitoral se transformou num circo dos horrores, num festival de absurdos, onde, os candidatos mais parecem personagens de filme de comédia pastelão.

O assunto é mais sério do que parece. É UMA QUESTÃO DA PLENA CONSOLIDAÇÃO DA LIBERDADE DEMOCRÁTICA! É O DIREITO DO ELEITOR A INFORMAÇÃO!

O que deveria ser um espaço para a apresentação de projetos e propostas, que levassem o eleitor a aprofundar seu interesse pela política, transformou a escolha do candidato pelo voto popular, na maioria das vezes, em um beco sem saída.

Se vota em qualquer um de tal forma que, o voto do eleitor se transforma numa poderosa arma, contra ele mesmo.

Entretanto, é totalmente impossível acreditar que com esse horário eleitoral gratuito, tal qual como nos é oferecido, se consiga abrir algum caminho para a formação de uma consciência cidadã que leve a melhora da qualidade do debate político.

Invadir a casa do eleitor sem pedir licença é um ato tão sério que, só poderia se justificar por entregar a esse cidadão propostas tão importantes que o fizessem vislumbrar realmente a melhora significativa de sua qualidade de vida. A mudança dessa política perversa na qual vivemos hoje.

Todavia, pelo o que nos é apresentado, só nos resta concluir que, apesar da invasão de nossas casas sem pedir licença, que continuaremos vivenciando uma política rasteira e desmoralizada, sem nenhuma chancela da participação popular. Aliás, com a grande ênfase da participação popular no desligamento do aparelho de TV.

ANUNCIE NO MELHOR JORNAL DE BAIRRO

Ligue e ganhe desconto

3564-2823 / 9601-8945

Calendário de reuniões da AMAB. Participe!!!

Toda 1ª e 3ª terça-feira do mês, às 20h no Colégio Santo Inácio.

Tel.: 2551 3113 | amab@centroin.com.br | www.amabotafogo.org.br

Homenagem merecida

As Associações de Moradores de Botafogo, Lauro Müller, Urca e Humaitá, no dia 23 de agosto, fizeram uma homenagem ao Capitão Clímaco, responsável pelo policiamento desses bairros.

A dedicação e o empenho desse policial contribuíram, com toda certeza, para que o nosso batalhão de polícia de Botafogo ficasse em **1º lugar em redução da criminalidade** em todo o Estado do Rio de Janeiro.
Parabéns Capitão Clímaco!!!



Guia de distribuição do Manequinho

- Biblioteca Municipal de Botafogo
Rua Farani, 53
• Rio Tóquio
Rua General Severiano, 201
• HarmoZen
Rua da Passagem, 82/ sobrado
- C. de Arquitetura e Urbanismo
R. São Clemente, 117
• Shopping dos Sabores
R. General Polidoro, 58
• Supermercado Extra
R. Voluntários da Pátria, 311
• Supermercados ABC
R. Voluntários da Pátria, 213
• Salão Dominante
R. Voluntários da Pátria, 239
• Banca do Wellington
Vol. da Pátria c/ 19 de Fevereiro
• Banca do Paulo Cesar
São Clemente c/ Bambina
• Banca do Jorge
Pr. de Botafogo/ frente nº 460
• Banca do Maurício Dias
Pr. de Botafogo/ frente ao nº 74
• Banca do Atilio
R. Bambina/ frente ao nº 67
• Banca do Walmir
Mena Barreto c/ Paulo Barreto
• Banca da Lú
Álvaro Ramos c/ Assis Bueno
• Banca da Sorte (Sr. José)
Vol. da Pátria/ frente ao nº 357
• Banca do Alexandre
Vol. da Pátria/ frente Correios
• Banca do Sr. João
Álvaro Ramos c/ Rodrigo de Brito
• Banca do Pietro Paulo
Marques de Abrantes com
Clarisse Índio do Brasil
• Banca do Sérgio Belfiore
R. Barão de Itambi/
frente a Casas Sendas
• Banca do Isaías
Pr. de Botafogo/
frente Casa & Vídeo
• Banca do Sr. Antônio
R. Prof. Álvaro Rodrigues /
frente a Furnas
• Banca do Sr. Antônio Agapito
R. Real Grandeza/ frente nº 193
• Banca do Armando
R. Vol. da Pátria/ frente nº 402
• Banca do Francisco
Vol. da Pátria c/ Capitão Salomão
• Banca do Carmelo
Dentro da Cobal
• Tratoria II Pastario
R. Voluntários da Pátria, 361 - B
• Estação Botafogo
Rua Voluntários da Pátria, 88
• Espaço Unibanco
Rua Voluntários da Pátria, 35

Moradores lutam pela regulamentação dos sobrevoos de helicópteros na zona sul

Karla Vidal

Milhares de moradores e um incômodo em comum: o sobrevoo desregulado dos helicópteros sobre áreas residenciais e de proteção ambiental da cidade. Desde o fim de 2011, cansados de sofrer com os transtornos ocasionados, um grupo se uniu e deu início ao movimento “Rio Livre de Helicópteros Sem Lei”.

Quando se mudou para o novo apartamento, em janeiro de 2010, Cinthia se deparou com a Floresta da Tijuca e o Cristo Redentor como vista, e acreditou que esse seria o cenário perfeito de tranquilidade. Na época, o monumento passava por reformas. “Assim que as obras acabaram, passei a notar um movimento estranho de helicópteros. Comecei, então, a perguntar aos vizinhos sobre isso, e percebi que o incômodo era geral”, conta Cinthia.

Segundo a moradora, o local é rota de táxi aéreo e de turismo. “Às vezes, antes das 7 da manhã já é possível ouvir o barulho, mesmo isso já tendo sido proibido. Fim de semana de sol, por exemplo, o número de voos chega a 50. No Carnaval, esse número dobra.” Cinthia conta ainda que algumas das medidas que já foram tomadas pelo Departamento de Controle do Espaço Aéreo (Decea) apenas transferiram o problema. “Agora, os helicópteros não podem mais chegar tão perto do Cristo, mas chegam mais perto dos prédios, por exemplo.”

Também moradora do Humaitá e uma das fundadoras do manifesto, Deborah Weinberg conta que o projeto surgiu a partir do desespero por alguma solução para este problema que vinha enfrentando. “Esse problema tem piorado a cada ano. O nosso desejo é que o



Presidente e diretora da AMAB marcam presença na manifestação



Moradores lutam por medidas mais severas para o sobrevoo de helicópteros

turismo por helicóptero sobre áreas residenciais fosse proibido. Isso, é claro, envolveria o fechamento do heliponto do morro Dona Marta e do Morro da Urca para uso comercial”, explica a moradora.

Deborah conta, também, que o ruído dos helicópteros ultrapassa os limites suportados pelos seres humanos. As diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS) permitem um nível de ruído menor que 30 dB para um quarto de dormir à noite e menos de 35 dB para o bom funcionamento de uma escola, por exemplo. Aqui no Rio de Janeiro, no entanto, as aeronaves não respeitam regras de altitude e expõem à população a níveis de ruído em torno de 85 dB. “Essa situação provoca estresse, dificuldade de concentração, irritabilidade etc. No meu caso, os helicópteros muitas vezes me despertam no meio da noite ou cedo de manhã, mesmo com vidro duplo que tive que instalar”, conta.

Atualmente, o manifesto conta com a adesão de 21 associações de moradores. Entre elas, está a Associação de Moradores e Amigos de Botafogo (Amab). Um abaixo-assinado está disponível na internet para aqueles que desejarem abraçar a causa. O documento será encaminhado para a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac); Decea; Ministério Público Federal e Estadual; Governo

Federal e Estadual; Prefeitura do Rio de Janeiro.

Entre as medidas exigidas, estão: fechamento do heliponto comercial da Lagoa Rodrigo de Freitas e do Pão de Açúcar e a proibição do uso turístico dos helipontos dentro dos parques do Rio; a não exploração do turismo por helicópteros na cidade do Rio de Janeiro; normatização e fiscalização das rotas de transporte comercial por helicópteros no Rio, com rotas que passem pelo mar, distantes das áreas residenciais.

Em maio deste ano, uma manifestação reuniu cerca de 100 pessoas na Lagoa Rodrigo de Freitas. O objetivo era chamar a atenção do poder público para causa, além de conseguir novos adeptos ao movimento.

De acordo com Deborah, um dos maiores problemas enfrentados pelo movimento é o descaso das autoridades. “Meu apelo é que eles tratem a poluição sonora com a seriedade devida, e que ouçam o que o nosso grupo tem a dizer. As autoridades do Rio não ouvem os cidadãos. O Prefeito, por exemplo, até hoje não nos recebeu”, relata a moradora. Cinthia complementa: “Só queremos que a lei seja cumprida. O sossego do cidadão é garantido pela Constituição. O turismo ecológico tem que ser incentivado, mas a poluição sonora não”, concluiu.

SAIBA MAIS

Todas as informações sobre o movimento, assim como os procedimentos para participar do abaixo-assinado, estão no site <http://www.riolive.org.br/>. Outras informações também pelo grupo do facebook “Rio Livre de Helicópteros”.



Botafogo Histórico

por Milton Teixeira



OS CANHÕES DO FORTE FRACO

Recentemente, as obras de remodelação da Zona Portuária encetadas pela Prefeitura encontraram, dentre algumas preciosidades do passado Carioca, quatro canhões portugueses, de datas variadas, indo do século XVII ao XIX. É bem possível que essas armas tivessem pertencido ao Forte da Conceição, construído no alto do morro da Conceição no século XVIII e desativado no século XIX. Aqui traço um ligeiro histórico de sua tumultuada existência.

Após a invasão do Rio de Janeiro pelos corsários franceses em setembro de 1711, resolveu a Metrópole fortificar a cidade com uma cinta amuralhada conveniente, bem como uma nova linha de fortificações, começando pela fortaleza que seria erguida no morro da Conceição. Para desagrado do bispo frei Francisco de São Jerônimo, a praça forte estaria situada bem atrás de seu palácio episcopal. Em 1712, o Rei D. João V enviou para governar o Rio de Janeiro Dom Francisco Xavier de Távora e este trouxe com ele um mestre na arte da fortificação, o francês Jean Masset, cujo nome logo foi aporuguesado para João Massé.

O novo governador, não contente em tirar terras da chácara da Mitra e de apropriar-se de uma pedreira da mesma para obter material que servisse à edificação da projetada muralha, a qual deveria ligar os morros da Conceição e Castelo, edificou a citada fortaleza na parte posterior da residência do Bispo, cortando-lhe o quintal! Este protestou, alegando que "as salvas da fortaleza fundada há pouco por Dom Francisco de Távora abalavam as paredes do palácio", e pedia como indenização das terras tomadas uma lâmpada de prata para a capela do palácio, do custo de 130\$000.

Ouvido o provedor da Fazenda, achou justo o pedido, e o Conselho Ultramarino foi de opinião que a fortaleza



não desse salva nos dias de gala e ficasse reservada para ocasião de guerra. Deram-se estes fatos em 1717 e 1718.

Projetada em 1713 e começada em 1715, já em 1718, segundo a carta do governador Antônio de Brito Menezes, em data de 2 de março, estava a fortaleza "quase acabada com seu armazém de pólvora, corpo de guarda e cisterna; necessita acabar o fosso, parapeito e alguns quartéis. Nesta obra, as paredes interiores, que formam o parapeito, estão pouco seguras, e a cisterna esvaída. ...Nesse tempo estava a Conceição guarnecida por 36 peças de ferro, com 1.000 balas de diferentes calibres".

Sem poder atirar, nem para treinar, logo a obra caiu no esquecimento. O governador seguinte, Luiz Vahia Monteiro, o "Onça", pouco caso fez da fortaleza da Conceição, que, no seu conceito, era inútil à defesa da cidade.

Em 1735 era pequena a guarnição comandada pelo alferes Manuel de Assunção e Sá. Em 1737, segundo uma carta datada de 20 de dezembro do governador Gomes Freire, não tinha comandante e sugeria que fosse nomeado para tal um sargento-mór, o que não foi aceito pela Metrópole, sob alegação de falta de numerário. Que o comando continuasse a ser feito por um simples capitão.

O Vice-Rei Conde da Cunha, vendo que a Conceição não podia disparar sem provocar a cólera do bispo, deu-lhe melhor destino, e mandou levantar dentro de suas muralhas uma casa de armas, que servia não apenas de paiol como também de fábrica de armas da infantaria, de cujo inspetor e governador em 1799 era o famoso Francisco Xavier dos Santos o "Xavier das Conchas", assim denominado por fazer trabalhos artísticos com cascas de moluscos num dos pavilhões do Passeio Público do Rio de Janeiro.

Essa fábrica de armas era muito mal situada, colada na muralha principal e com três janelas de vidraças expostas para fora das defesas. Qualquer atacante poderia com facilidade se aproximar e atirar uma bomba por uma dessas janelas e a destruir por completo. Aliás, ainda hoje alguns moleques quebram as vidraças com pedrinhas atiradas ao nível do solo.

Em 1791 houve crise na Conceição, sendo a fábrica de armas o pivô da primeira greve operária decretada no Brasil. O conde de Resende, em carta de 10 de janeiro, comunicava que as oficinas deixavam de trabalhar por falta de pagamento e remetia um mapa do estado em que se achava a casa de armas.

No tempo do príncipe regente, mandou em 1810 o ministro da Guerra conde de Linhares que fossem admitidos até o número de 100 aprendizes nas diferentes oficinas, com dignos salários. Tempos depois parou o fabrico de armas com o frívolo motivo de ser mais dispendioso tal fabrico que comprá-las ao estrangeiro; entretanto, dali saíram ricas espingardas, que o rei D. João VI enviou de presente a vários soberanos da Europa.

Depois da Independência, e no ministério do conde de Lages, as oficinas da Conceição foram não só reativadas como passaram por amplos melhoramentos, mas, sobrevivendo a Regência, foram feitos muitos cortes em 1831 e os operários e máquinas foram transferidos para o Arsenal de Guerra. A casa de armas foi convertida a partir de 1832 em simples almoxarifado. No segundo Império, a 2 de setembro de 1844, regressaram as oficinas do Arsenal para a antiga fortaleza, assim permanecendo até os primeiros anos da República. Com a construção de um novo Arsenal em São Cristóvão, as antigas oficinas, criadas pelo conde da Cunha foram para lá transferidas, ficando a fortaleza ocupada pelo 7º Batalhão de Infantaria do Exército, substituído em 1911 pelo 5º Batalhão da Guarda Nacional.

Nas prisões da fortaleza da Conceição, situadas debaixo da casa de armas, estiveram encarcerados vários dos implicados na Conjuração Mineira, dentre eles Tomás Antônio Gonzaga, José Álvares Maciel e Domingos Vidal sendo depois de algum tempo todos transferidos para a ilha das Cobras. Lá também esteve preso em 1794 até fins de 1797 o poeta mineiro Manuel Inácio da Silva Alvarenga e o bacharel em filosofia Mariano José Pereira da Fonseca, futuro marquês de Maricá, membros de uma sociedade literária que funcionava num sobrado de dois andares na rua do Cano (hoje Sete de Setembro). Este grêmio foi dissolvido por ordem do conde de Resende e seus membros, suspeitos de atividades subversivas, perseguidos pela Metrópole graças às intrigas de certo procurador de causas, Fuão Frade. Foram libertados por ordem da rainha D. Maria I.

No governo Wenceslau Brás o forte da Conceição foi esvaziado (1915) e acabou invadido por moradores desalojados pelas obras de demolição efetuadas no Centro, durante a prefeitura de Carlos Sampaio (1920-1922). Assim transformado em casa de cômodos, o forte passou por dois anos, até que em 1917 foi retomado pelo Governo e reformado para ali instalar a moderna 5ª Divisão de Levantamento Cartográfico do Serviço Geográfico do Exército. Como as instalações eram limitadas, foi adquirido à Arquidiocese do Rio de Janeiro o velho palácio episcopal da Conceição, incorporado ao complexo e depois restaurado. Hoje nele está instalada a administração, biblioteca e museu cartográfico.

O irrequieto bispo frei Francisco de São Jerônimo deve estar dando giros na tumba!

Milton de Mendonça Teixeira, professor de história da Universidade Gama Filho e da PROTUR - Escola Técnica de Turismo.

CONFORTO - SEGURANÇA - PONTUALIDADE

24h

COOP DO SEU BAIRRO

COOP TELEURCA

• Atendimento 24h
 • Faturamento para empresas
 • Preços especiais para viagens
 • 35 pontos de apoio em todo RJ
 • Frota com 190 veículos
 • Equipados com GPRS (PDA)
 • Carros executivos - motoristas cadastrados
 • Programação de corridas com antecedência

RIO E GRANDE RIO

* IDA OU RETORNO *

comercialeurca@uol.com.br **www.teleurea.com.br**

3501-0700 / 2542-3188 / 2275-2741

SEGURO VIAGEM,
PASSAGEM AÉREA,
PACOTES, CITY TOURS,
SHOWS, HOTÉIS

Belle TOURS

Av. Atlântica, 4240 - Loja 230
Shopping Cassino Atlântico

2267-2944 / 2523-1242 / 2541-6747 / 2431-9499

Site BBB
Bom, Bonito e Barato

Sites personalizados e
amigáveis aos

✓ Orçamento sem
compromisso

9102-4704
artconecta@gmail.com

ESTÉTICA FACIAL

Limpeza de Pele
Rejuvenecimento
Tratamento de acne
Peeling para manchas

ESTÉTICA CORPORAL

Power Tônus
Termo Modelagem
Ultra som
Endermoterapia

MASSAGEM

Modeladora
Relaxante
Drenagem Linfática
Bambuterapia
Reflexologia Podal

DEPILAÇÃO

Cera quente
Sistema roll on
Uso de alta frequência
(após a sessão)

Conheça todos os tratamentos no site
www.esteticafemena.com.br

Ligue e se surpreenda com nossos preços!
(21) 2547-2345 / (21) 8875-2986

Rua Siqueira Campos, nº 30, sala 308
Copacabana (próx. ao metrô)

NA FEMENA A SUA AVALIAÇÃO É GRATUITA !!!

KRIPTUM
INFORMÁTICA

www.kriptum.com.br

Seja um franqueado Kriptum.

Treinamento em:

- ☒ Pacote Office: Word, Excel, PowerPoint, Access, OpenOffice
- ☒ Pacote Linux: Administração de Sistema e Servidores
- ☒ Montagem e Manutenção de micros
- ☒ Pacote Internet: HTML, Flash, Dreamweaver, Fireworks
- ☒ Pacote Gráfico: Adobe PhotoShop, CorelDraw

2541 - 2911
Rua Arnaldo Quintela, 15 - Botafogo

apresente este anúncio e ganhe uma caipirinha na compra de uma feijoada*

**VENHA EXPERIMENTAR AS CERVEJAS
IMPORTADAS E ARTESANAIS
DO BOTEÇO SALVAÇÃO!**

FEIJOADA+RODA DE SAMBA aos domingos à partir das 15h

BOTEÇO SALVAÇÃO

*promoção individual não-cumulativa válida até 31 de agosto de 2012, mediante a apresentação deste anúncio.

R. Henrique de Novaes, 55 - Botafogo | 2226-9691 | www.botecosalvacao.com.br



Patrimônio Cultural da Humanidade sofre com o descaso dos governantes

Eleita em julho deste ano, na categoria Paisagem Cultural Urbana, a cidade do Rio tem um de seus mais belos cartões-postais sofrendo com a poluição

Karla Vidal

“Cidade Maravilhosa, cheia de encantos mil! Cidade Maravilhosa, coração do meu Brasil!” O trecho da marchinha, composta por André Filho para o Carnaval de 1935, transformou-se em realidade, após um título inédito adquirido em 1º de julho: a cidade do Rio de Janeiro foi a primeira do mundo a receber o título da Unesco de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural Urbana.

Apesar da escolha, a cidade, que cresceu entre o mar e a montanha, tem sofrido com a ação do homem, que comemora o título, mas esquece de cuidar do patrimônio, agora mundial.

Um dos mais belos cartões-postais da cidade, a Enseada de Botafogo tem sofrido ao longo dos anos com a poluição. Redes clandestinas despejam esgoto na região, que chega pelo Rio Berquó, como protagonista dessa poluição. O rio nasce no Humaitá e pode ser visto, ainda despoluído, na Rua Viúva Lacerda. Quando atravessa, de ma-

neira subterrânea, pelo Cemitério São Batista, surge o problema. O Berquó só reaparece quando deságua na Enseada. No meio desse percurso subterrâneo, estão as redes clandestinas.

Para tentar sanar a questão, uma estação de tratamento foi instalada ao lado do Mourisco, mas o reflexo do descaso com que foi tratada a ação pode ser visto por qualquer um que passa pela região: uma estrutura abandonada, mal-conservada e a Enseada ainda poluída.

Aqueles que vivem na região lamentam a situ-

ação. Recém-chegado ao Rio, o paulistano Renato Barreto nota que esse descaso reflete as prioridades dos governantes. “A cidade tornou-se um canteiro de obras em função de eventos internacionais importantes, fazendo da cidade um caos ainda maior, mas tudo é para ‘gringo ver’. É lastimável que a região esteja sempre com uma quantidade enorme de lixo, já que se trata da localização exata do cartão-postal máximo do Rio de Janeiro e do Brasil para o mundo. Merece ser mais cuidado, para poder receber visitantes e

banhistas, que não vão até lá apenas para registrar em fotografia”, analisa Renato.

O novo morador de Botafogo completa com uma sugestão. “Acho que deveriam ter campanhas e abaixo-assinado, exigindo que cuidem melhor da Enseada e de tantas outras praias belíssimas, mas que não podem receber ninguém, devido à sujeira. O bairro de Botafogo fica menos colorido e com o ar bucólico de uma fotografia”, finalizou, dando ar de poesia à realidade da Enseada, que está bem apenas nas fotos.



Foto: Karla Vidal

Com a sujeira excessiva, os únicos frequentadores que se aproximam da água são os pombos



Foto: Karla Vidal

A estação de tratamento, que deveria reverter a situação, está abandonada

Especialista em Meio Ambiente analisa situação do bairro onde mora

Acordar cedinho para ir trabalhar e se deparar com o belo amanhecer do bairro de Botafogo. Isso é o que mais agrada à mineira Marnia Moreira Prates, bacharel em Química, MBA em Gestão de Qualidade de Segurança, Meio Ambiente e Saúde e prestes a concluir a graduação em Engenharia Ambiental, moradora de Botafogo há um ano e meio. “É lindo demais. Mas aí, se você chega mais perto, pisa na areia, a realidade fica aparente. Costumo passear e praticar exercícios na ciclovia, mas quando se vai até a areia, você se depara com um caminhão de lixo jogado na praia, que a maré trouxe”, conta.

A especialista explica que a região é um recuo fechado da baía, que tem pouca movimentação marítima. O lixo se acumula na área e não tem como sair, acabando tudo na areia. “Esses dias, caminhando por ali, me deparei com uma faixa de lixo, de cerca de dois metros. Escutamos aquelas histórias antigas, de quando a Enseada não sofria com a poluição, e é triste nos depararmos com a situação atual. O que impressiona é como a poluição chega a esse ponto”, ressalta Marnia.

Segundo ela, é possível reverter a situação, mas falta boa vontade e investimento. “Como profissional, eu digo que tudo tem remédio. Sempre tem alguma técnica para tratar uma área impactada. O problema é que, na maioria das vezes, é muito caro e é preciso o investimen-

to. E o mais sério é que não adianta tratar o foco de poluição se não conscientizarmos a população para que isso não ocorra novamente. Uma primeira medida, que eu acho bastante plausível e agora, inclusive, é obrigatória pela Política Nacional de Resíduos, é a coleta seletiva. Isso deveria ser uma iniciativa voluntária da população e é muito mais fácil de implantar quando começa em uma área menor. Por que não começar, por exemplo, a fazer no bairro? A maioria desse lixo que chega à praia não vem da região. A maioria vem da má disposição dos resíduos, que a pessoa sequer joga direto no rio, no lago ou no mar, mas joga no meio da rua ou em algum lugar impróprio que acaba sendo levado quando chove, seja para o bueiro ou para a caixa de esgoto, cujo desti-

no final é sempre o mesmo: o rio, o lago e o mar”, atenta a especialista.

Procurada pela equipe do jornal O MANEQUINHO, a Secretária Municipal de Meio Ambiente disse que não tem nenhum planejamento imediato para a região. Apenas as atividades de rotina, como verificação da qualidade do ar, da água e areia, feito em todas as praias, cuja ação o carioca já está acostumado.

A profissional de Meio Ambiente ressalta, no entanto, que é preciso haver uma parceria entre os órgãos públicos e a população, para que ações destacadas na Rio +20, por exemplo, sejam realizadas de fato. “É muito fácil mostrar lindas fotos, mas quando você começa a colocar um zoom, começa a enxergar lixo, esgoto sendo despejado em lugar inde-

vido, entre outros problemas que vemos diariamente. É fácil fazer a propaganda, mas e cuidar? Já passamos do tempo de fazer as coisas ficarem bonitas para ‘gringo ver’. Sediamos, recentemente, um dos maiores eventos mundiais de Meio Ambiente, que foi a Rio +20, e temos que fazer as coisas acontecerem. Não podemos mais fingir que os problemas não estão ali. Todo mundo tem uma responsabilidade, tanto os órgãos públicos quanto a população, que, além de escolher seus representantes, também é responsável pela conservação do lugar onde vive. A foto bonita nós já mostramos, temos que fazer esse zoom ficar bonito também”, finalizou.

Moradores se unem para restaurar Praça Mauro Duarte



Foto: Karla Vidal

A placa reforça a atenção dos frequentadores da praça para que o lixo seja depositado no lugar correto

Karla Vidal

Cansados do abandono da praça vizinha ao local onde vivem, moradores de Botafogo se uniram para dar vida novamente à Praça Mauro Duarte. Localizada próxima à Rua da Passagem, a praça é o ponto de encontro de moradores de diversas faixas etárias. Além de crianças e idosos, o local também reúne praticantes de capoeira e

tai chi chuan e, ainda, trabalhadores da região, que têm na praça uma área de passagem constante.

Consultor de artes e morador do bairro há 26 anos, Elias Serra não se conformava com o descuido da praça e decidiu, por conta própria, plantar e cuidar do local. Com as ferramentas, adubos e mudas em mãos, o trabalho teve início há cerca de dois anos. Porém, em pouco tempo os jardins sofreram com a ação de vândalos. “Muitas vezes, quando ia

ver como estava a muda que tinha plantado, já tinham roubado”, conta Elias.

Para a sorte da Praça Mauro Duarte, no entanto, Seu Elias encontrou uma aliada: a jornalista Ana Christina Lula. Moradora do bairro há 57 anos, Ana passou a ajudar a mãe, já idosa, que gostava de molhar as plantinhas que Elias cultivava. “Nós temos um carinho enorme pela praça e pelas plantas. E desse carinho surgiu uma amizade muito especial”, conta a jornalista.



Foto: Karla Vidal

Elias e Cristina: moradores que dedicam seu tempo ao cultivo das plantas

De acordo com Elias, hoje, após diversas tentativas de plantio, os frequentadores já reconhecem o esforço e trabalho dos voluntários. “Estamos sendo vistos com mais respeito. Doamos nosso tempo e dinheiro para dar mais qualidade aos frequentadores da praça e moradores da região. O apoio da comunidade é fundamental”, explica.

Para reforçar a atenção dos frequentadores, Seu Elias espalhou placas pela praça. Uma delas, alerta para que o lixo seja colocado no local correto. Já outra, intimida aqueles que pensam em desfalcar o jardim: “Uma planta roubada só traz infelicidade a sua casa”, diz. Atualmente, há buganvílea e fícus plantados na praça. Em breve, mudas de pau-brasil também farão parte da “decoração” do local.

Apesar da dedicação, os moradores-voluntários contam que falta apoio por parte das autoridades, que não fazem a manutenção da parte que lhes cabe. “As mesinhas e bancos de concreto, por exemplo, foram retiradas e ainda não houve a reposição”, explica Ana Christina.

Um desejo dos moradores é, também, que a praça abri-

gue uma academia da terceira idade. Segundo Elias, muitos idosos frequentam a Praça Mauro Duarte, mas precisam se deslocar para outras localidades do bairro para praticar atividade física. Além de valorizar a região e dar mais vida à praça, evitaria a sobrecarga das demais academias.

Além de Elias e Ana Christina, Marcos Vinícius Vargas, também morador, colabora com a restauração da praça. Porém, há um desejo de que a Prefeitura, assim como comerciantes do entorno da praça, se mobilizem pela causa, abraçada pelos moradores. “Queríamos que tivessem projetos de revitalização. Os muros, por exemplo, poderiam ser um espaço de arte para os grafiteiros. Sendo uma ação conjunta, os resultados são melhores e maiores, para os moradores e para o bairro”, finalizou Elias.

Aqueles que quiserem ajudar na restauração, basta procurar por um desses moradores, que sempre estão pela praça, cuidando dos jardins, e colocar a “mão na massa”. Já quem não tem tempo, mas deseja apoiar a causa, estará ajudando se colaborar com a preservação.

Com a licença aprovada, moradores temem o resultado da Linha 4 do Metrô

A licença ambiental para a construção da Linha 4 foi dada no dia 26 de junho, mas o MP ainda deve recorrer. Algumas restrições foram impostas para a construção, mas promotoria acredita não serem suficientes

Karla Vidal

Apesar da intensa luta de associações de moradores, políticos e usuários do metrô do Rio de Janeiro para manter o traçado original do projeto da Linha 4 do metrô, foi concedida a licença ambiental definitiva, por unanimidade, pelo Conselho Diretor do Instituto Estadual do Ambiente (Condir / Inea). A votação ocorreu no fim de junho e permite que as obras sejam iniciadas.

Algumas restrições, no entanto, foram impostas, na tentativa de atender à população. A mais importante delas é quanto à construção da estação da Gávea. O manifesto “O Metrô que o Rio Precisa”, criado em maio de 2011, alertava para uma construção em dois níveis, que garantiria a segurança dos usuários, além de possibilitar a expansão da rede metroviária. Os empreendedores, então, só poderão iniciar a obra da estação quando apresentarem um projeto para a construção em dois níveis. O prazo para isso se encerra em dezembro deste ano.

Para o promotor Carlos Frederico Saturnino, do Ministério Público, que está à frente do caso, tal restrição não é o suficiente. “É uma restrição leve, porque não é taxativa. Só exigiram o projeto, mas isso não significa que a estação será de fato em dois níveis, como reivindicamos. Este projeto será analisado pelo Inea, que está subordinado à chefia do Governo do Estado. Deveria haver uma transparência maior neste processo”, explica o promotor. Segundo Saturnino, o MP vai entrar com recurso contra essa aprovação, mas sem muitas expectativas de resultados.

O objetivo do movimento, criado em 2011 pela população, era garantir um transporte rápido, seguro e confortável para mais de 1 milhão de pessoas que usam o

metrô diariamente. Mas para Saturnino, essa licença não garante a resolução dos problemas e reclamações. Na manifestação realizada em março, por exemplo, os usuários, de maneira divertida, mostravam como ficará ainda mais apertado andar de metrô. E isso dentro de um vagão improvisado.

Geógrafo e membro da Associação de Moradores e Amigos de Copacabana (Amacopa), Ricardo Lafayette alerta para os perigos do projeto aprovado. “Com o projeto que o governo aprovou, há um alto risco de colisão, além de não atender grande parte da população de maneira eficaz. Esse é um movimento que nasceu na sociedade e lutamos para que o legado deixado pelas obras das Olimpíadas atenda de maneira adequada à população”, explica.

E a opinião é compartilhada pelo promotor. “O metrô do Rio foi inaugurado há mais de 30 anos e ainda é uma linha tímida e precária. O problema dessa aprovação não são os impactos durante a obra, mas sim aqueles definitivos. Teremos uma linha sobrecarregada e esse será o legado deixado pelos megaeventos que o país irá sediar”, finalizou.

Atilio Flegner é estudante de Arquitetura e Urbanismo e responsável pela página do movimento no Facebook. Para ele, a concessão da licença causa estranheza, já que

nas duas audiências públicas que precederam essa votação a situação estava favorável ao movimento. Atilio atenta, ainda, para o fato de parte da população não estar atendida na situação. “Tem gente que não sabe nem o que está sendo feito ou como vai ser. O governo não divulga, porque não tem interesse. Muitos estão levando dinheiro e a obra não está andando. E o governo ainda fala que esse projeto é para

as Olimpíadas, sendo que o Comitê Olímpico Internacional (COI) já afirmou que isso não foi uma exigência deles”, explica o jovem, que complementa: “Demoraram anos para iniciar uma expansão. Agora que vão construir quilômetros de uma nova linha, que façam pelo menos do melhor jeito para população. Caso contrário, os moradores de Botafogo não vão conseguir sequer entrar no metrô”.

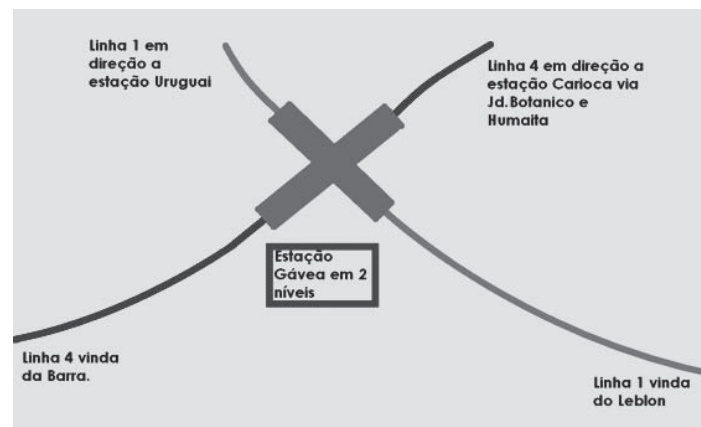
Entenda o caso

A questão da Linha 4 do metrô teve início em 1998, quando o projeto foi licitado. Na época, a linha seria independente da já existente Linha 1. No traçado original, haveria ligação de uma estação no Morro de São João, em Botafogo, com estações no Humaitá, Gávea, São Conrado e Jardim Oceânico. Um estudo alternativo incluiu, ainda, a estação Jardim Botânico no percurso, bem como a ligação da estação Humaitá com Botafogo, Laranjeiras e Largo da Carioca.

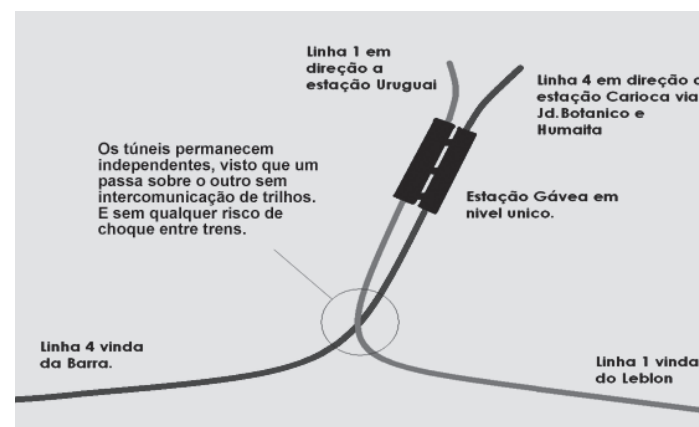
Quando o Rio de Janeiro foi escolhida como a cidade-sede das Olimpíadas de 2016, o Estado anunciou a construção da Linha 4. Porém, para a surpresa da população, o projeto, já conhecido

há 11 anos, havia sido alterado. O governo do Rio optou por prolongar a já saturada Linha 1 em direção ao Jardim Oceânico, passando pelas estações Nossa Senhora da Paz, Jardim de Alah, Antero do Quental, Gávea e São Conrado. A escolha não foi baseada em estudos que justificassem tais mudanças, mas em “compromissos olímpicos”. Segundo o governo, o novo traçado permitiria uma ligação rápida do “polo hoteleiro” – concentrado em Copacabana e Ipanema –, com o “polo olímpico”, concentrado na Barra da Tijuca.

Aqueles que desejam aderir ao movimento, podem participar do abaixo-assinado através do site metroqueorioprecisa.com.br/abaixo-assinado.



Estação Gávea em 2 níveis. Linha 1 (cinza) e Linha 4 (preto)




Estação Gávea nível único, vias e túneis independentes


Flashes

por Regina Chiaradia





 Recebemos a notícia que a Churrasceria Fogo de Chão vai adotar a passagem subterrânea em frente ao Mourisco. Será verdade? Vamos aguardar e cobrar.

 O Restaurante Columbia na Rua 19 de Fevereiro não satisfeito com seu espaço interno, agora passou a invadir a calçada onde já coloca diariamente várias mesas e cadeiras, impedindo a circulação dos moradores naquela área. Alô SEOP, vamos mandar a fiscalização ao local para recuperarmos o espaço público surrupiado!

 Nossa Praça Nelson Mandela já começa a sofrer com a manu-


tenção deficiente. Já tem brinquedo e grade quebrados. Faltam também mais banquinhos para as pessoas descansarem. O pessoal da SECONSERVA está precisando dar uma passadinha no local.


 Foi verdadeiramente um crime o corte do ficus centenário na altura do nº 276 da Rua São Clemente. Aliás, o bairro de Botafogo, apesar de seu super adensamento urbano, vem sofrendo perdas irreparáveis de sua cobertura arbórea.

 A Diretoria da AMAB se reuniu no início de agosto, com a Sub prefeitura da Zona Sul e com a 5ª Gerência


de Conservação para tratar da recuperação da quadra de futebol da Praça Jóia Valanci. Será necessária a realização de uma obra de drenagem no local. A AMAB estará cobrando!

 Serão instalados grampos na calçada do lado direito e esquerdo (paralela ao Largo) da Rua Assunção para coibir o estacionamento irregular no local. Espera-se com essa medida que terminem os grandes conflitos que ali estão acontecendo entre os moradores que estacionam e a Guarda Municipal que reboca e multa. Gostaríamos de informar também a instalação dos aparelhos de ginástica solicitados pela comunidade, mas isso já é uma outra questão...

 Apesar de não ser iniciativa da AMAB, ficamos muito contentes quando soubemos que praticantes de caiaque e voluntários do movimento Reamar (Rede de Educação Ambiental Marítima) criaram um abaixo assinado pelo fim dos lançamentos de esgoto na Enseada de Botafogo. Quem quiser participar da petição on line é só acessar: http://www.avaaz.org/po/petition/Pelo_fim_do_lancamento_de_ESGOTO_na_enseada_de_Botafogo/?cOtmXab

 A campanha eleitoral começou e com ela as mentiras ditas pelos candidatos. No folder da candidata a vereadora Leila do

Flamengo as realizações da AMAB como a inauguração da Praça Nelson Mandela, Praça Mauro Duarte e Largo Barbosa Lima Sobrinho na Rua Assunção, passaram a ser creditadas a candidata. Sei que o morador de Botafogo não se deixará enganar. Aliás, o que esperar de uma candidata que antes mesmo de se eleger já se apresenta mentindo para você?

 A Praça Bernardo Sayão recebeu os aparelhos de ginástica solicitados pela população, agora ficam faltando as praças: Mauro Duarte, Chaim Weizmann, Largo Barbosa Lima Sobrinho, Praia de Botafogo e Largo dos Leões.

Reivindicações da AMAB para o futuro Prefeito

Nesse momento de campanha eleitoral a AMAB não poderia se furtar em apresentar suas reivindicações para o futuro Prefeito

Regina Chiaradia

1 Contratar, em conjunto com o Governo do Estado e a União um projeto de despoluição da Enseada de Botafogo visando apresentá-la limpa para as Olimpíadas de 2016, tal como se pretende fazer com as lagoas de Jacarepaguá e o Canal do Cunha.

2 Amparado nos dispositivos legais em vigor: Constituição Federal, Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro e Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro, garantir a participação da AMAB, em todos os projetos de intervenção urbana em Botafogo.

3 Ter a AMAB como parceira no planejamento das atividades de poda de árvores; troca de lâmpadas do sistema de iluminação pública; sincroni-

zação dos sinais de trânsito; fiscalização da ocupação indevida dos espaços públicos (calçadas); manutenção de praças e calçadas; fiscalização da poluição sonora em bares, restaurantes e obras que desobedecem o horário previsto em lei; desobstrução de bueiros; atenção a menores infratores e adultos que fazem do espaço público seu local de moradia; dentre outras atividades de manutenção em Botafogo. Manter programas de esclarecimentos à população com relação aos diversos órgãos que compõem a prefeitura e a competência de cada um deles.

4 Coibir a realização de mega eventos nas orlas de Botafogo e Flamengo (porque acabam afetando Botafogo) que vêm, sistematicamente, causando danos ambientais e prejuízos ao bem estar da população local.

5 No tocante às favelas instaladas em Botafogo impedir novas construções não licenciadas e trabalhar com a ótica da regularização fundiária nas já instaladas, quando possível for. Nas comunidades passíveis de regularização, defender a instalação do POUZO/SMU; cobrar, de forma efetiva, a elaboração e a aplicação de medidas básicas para o licenciamento.

6 Elaborar projetos para as (2) duas Passagens Subterrâneas da Praia de Botafogo, baseados nos princípios da acessibilidade e do desenho universal definir a melhor forma de gestão da manutenção da segurança, limpeza e iluminação dessas áreas.

7 Apoiar o projeto da Concessionária Metrô-Rio para o término das obras de construção da Estação São João/Rio Sul, situada na Rua Álvaro Ramos, em frente à Rua Fernandes Guimarães.

8 Instalar os Aparelhos de Ginástica para Terceira Idade - ATI nas seguintes praças onde a população se manifestou solicitando a instalação: Mauro Duarte, Largo Barbosa Lima Sobrinho, Bernardo Sayão, Pimentel Duarte e Largo dos Leões.

O MANEQUINHO

ANUNCIE NO MELHOR
JORNAL DE BAIRRO

3564-2823
9601-8945

Praticantes de parkour invadem a Praia de Botafogo e movimentam as passagens subterrâneas do bairro

Foto: Júlio César Rezende

Karla Vidal

Bastam paredes, corrimãos e algumas escadas para que esse grupo pratique sua atividade preferida. Não é um esporte olímpico e tão pouco possui regras bem definidas. De acordo com os praticantes, a filosofia e a liberdade são a essência dessa arte corporal, cujo objetivo é mover-se de um ponto a outro o mais rápido possível. Surgido na França, no início da década de 90, essa prática atende pelo nome de parkour, praticado há 10 anos no Brasil e há um ano invadiu a Praia de Botafogo.

Cerca de 15 pessoas, dos mais diversos bairros do Rio de Janeiro, se reúnem, todas as terças e quintas, na passagem subterrânea no Aterro, altura da Praia de Botafogo. Para participar, não é preciso taxa de matrícula, inscrição ou pagamento de mensalidade. Com roupas leves, tênis e determinação, o grupo Omnis abraça todos aqueles que desejarem conhecer mais dessa prática.

Praticante do parkour há quase 6 anos, Júlio José Rezende, ou, simplesmente, JJ, tem 27 anos e se apaixonou pela atividade assistindo a vídeos pela internet. Segundo ele, é preciso que o praticante tenha consciência de que o parkour não é apenas “brincar de pular”. “O treino é gradual. É preciso ter cautela e ir conquistando confiança em si mesmo aos poucos. De um modo geral, qualquer um consegue praticar o parkour, mas é claro que alguns vão ter mais facilidade que outros, até pela diferença de preparo físico”, explica ele, ressaltando que frequentar os treinos e se dedicar é fundamental para o

desenvolvimento e aperfeiçoamento da técnica.

E isso é o que Márcia Diniz, de 19 anos, tem feito há um ano. A estudante mora em São Gonçalo, mas encontrou em Botafogo, há um ano, o seu grupo de parkour. Segundo a jovem, ela primeiro decidiu se arriscar na atividade, para depois conhecer melhor a sua filosofia. Mas não foi fácil. Em uma atividade em que força é essencial, o “sexo frágil” busca dia após dia o seu espaço. “No início era muito complicado. Nós temos menos força do que os homens, então acabamos demorando mais para conseguir fazer determinado exercício. Mas isso não é e não pode ser encarado como empecilho”, destaca.

E ela manda um recado para aquelas meninas que acham que não conseguem encarar o parkour: “se você gosta da atividade, tem que tentar e se esforçar. Ser mulher não é desculpa”, finalizou.

Ricardo Antunes tem 16 anos e participou do primeiro treino em julho deste ano. O jovem conheceu a atividade através de um amigo e se interessou. “É bem divertido, mas é preciso ter dedicação e disciplina. Pretendo continuar e me aperfeiçoar”, contou ele, afirmando que, neste primeiro treino, sentiu calejação nas mãos.

JJ é morador da Ilha do Governador e explica o porquê de ter escolhido Botafogo como seu local de treino. Segundo ele, a região é uma das mais seguras e iluminadas, além de não haver reclamações para o uso da área. “Esta passagem subterrânea reúne um grande número de obstáculos em um só lugar. Temos escadas, corrimãos, muros de todos os tamanhos... É o



Grupo Omnis treina na passagem subterrânea de Botafogo há um ano, às terças e quintas, a partir de 19h30

nosso playground! É perfeito para os treinos e por isso treinamos aqui duas vezes na semana”, explica.

Em uma cidade com altos índices de violência, como ainda é o caso do Rio de Janeiro, jovens ágeis e em grupo costumam assustar os moradores, que, muitas vezes, por desconhecem a atividade, acreditam se tratar de um arrastão. “Ainda existe um pouco de preconceito e algumas pessoas acham que podemos assaltar. Mas a situação é bastante contrária a isso. Temos trazido vida e movimento à passagem subterrânea, que está abandonada pelas autoridades”, disse JJ.

Paulo César Gomes – o PC – é paraibano, mas há seis anos adotou o Rio como sua cidade e Botafogo como bairro. Desde que chegou aqui, passou a praticar o parkour, que havia conhecido aos 18, em uma viagem à França. Hoje com 30 anos, PC conta que sua maior dificuldade foi a sua falta de preparo físico. “Nunca tinha praticado exercício até os 24 anos. Tive que adquirir hábitos saudáveis e ter disciplina. É preciso dormir bem, se alimentar bem e ter dedicação,

como em qualquer prática esportiva”, explica ele, que resalta que o parkour não é considerado um esporte, por não ter competições, medalhas e premiações.

Um pouco da história

Criado na França, por David Belle, o parkour – ou l’art du déplacement (arte do deslocamento) – levou para o meio urbano as técnicas de salvamento e resgate utilizadas em treinos militares. Inspirado pelo méthode naturelle (Método Natural de Educação Física), desenvolvido por Georges Hébert no século XX, soldados franceses no Vietnã criaram o treinamento militar *parcours du combattant*. Filho de um bombeiro, David Belle aprendeu as técnicas com seu pai, mas decidiu aplicá-las no seu dia a dia, no meio urbano, buscando integrar conceitos de artes marciais e

ginástica, das quais era também praticante.

Alguns dos princípios desta atividade são a liberdade, o altruísmo e a eficiência. Os principais lemas são: être et durer (ser e durar) e être fort pour être utile (ser forte para ser útil). Quanto mais eficiente e preciso o movimento é, menos comprometido o corpo do praticante ficará.

Fique ligado!

Se você deseja praticar parkour, a dica é comparecer à passarela subterrânea da Praia de Botafogo, altura do Edifício Argentina. O treino acontece todas as terças e quintas, a partir de 19h30. Roupas leves, tênis, garrafa de água e muita disposição são recomendáveis. O encontro é gratuito e sempre tem alguém experiente no local, disposto a passar um pouco da filosofia e técnicas dessa atividade.

SAIBA MAIS

Site do grupo: <http://www.omnisproparkour.com/>

Organização do local do treino:
<http://picosdetreinodoriodejaneiro.blogspot.com/2011/03/passagem-subterranea-botafogo.html>

Grupo no facebook: Parkour Rio - treinos e viagens

INFORME PUBLICITÁRIO

Campanha O Petróleo Tem que Ser Nosso depois da Rio +20

O desenvolvimento de energias limpas não pode mais esperar

Cada vez mais as organizações que constroem a campanha O Petróleo Tem que Ser Nosso valorizam o debate ambiental e a necessidade de superar os poluentes combustíveis fósseis. A centralidade da perspectiva ecológica precisa vir conjugada ao combate da privatização e ao controle público sobre a gestão do Estado. É necessário que elaborem um projeto popular, soberano e ecológico de país para pensar o modelo de exploração do petróleo. Passada a Rio +20, a preocupação sobre a sobrevivência do planeta continua descolada de grandes questões nacionais como a distribuição dos royalties do pré-sal feita no Congresso Nacional, embora os royalties sejam apontados por muitos como mecanismo redutor dos impactos ambientais. A realização dos leilões do petróleo também tem relação direta com o ritmo de exploração. Esses debates precisam acontecer.

Grandes empresas petrolíferas boicotam pesquisas de energias alternativas - Responsáveis por mais de 81% da energia consumida no mundo, os combustíveis fósseis encontram-se perto de seu esgotamento. Os especialistas calculam que, mesmo com novas descobertas do tipo das reservas abaixo da camada do pré-sal, o petróleo e o carvão estarão esgotados nos próximos 40-100 anos. Durante décadas as grandes empresas petrolíferas e países produto-



Campanha O Petróleo Tem que Ser Nosso defende mudança de matriz energética

res boicotaram quaisquer pesquisas sobre formas alternativas de produção de energia. Entramos no século XXI: pressionados, por um lado, pelo esgotamento da matriz energética hegemônica no mundo; e, por outro, tendo que, rapidamente, substituir esta matriz por outra (ou outras) que interrompam o ciclo de aquecimento do planeta.

Soluções coletivas para combater o individualismo - Quando privatiza as cidades, o neoliberalismo impõe soluções e caminhos que favorecem as classes dominantes. Em termos da mobilidade e do deslocamento urbano, ele se materializa na supremacia dos veículos individuais sobre os meios coletivos de transporte. A precariedade

do transporte coletivo e público faz com que o carro, além de ser um fetiche para os mais ricos, torne-se uma solução também para os mais pobres.

Fortalecer o debate ambiental e de mudança da matriz energética dentro da campanha O Petróleo Tem que Ser Nosso - O controle sobre o petróleo é determinante para avançar na transição da atual matriz energética e priorizar a aplicação dos lucros obtidos com a exploração das novas jazidas, na pesquisa e aperfeiçoamento das matrizes solares e eólicas, por exemplo. Racionalizar a produção e diminuir o consumo são medidas decisivas para manter a temperatura da Terra dentro dos limites estabelecidos pelo

Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), evitando consequências ainda mais graves do que as que estão se repetindo ao redor do planeta. Trazer a questão da matriz energética e das mudanças climáticas para dentro da Campanha amplia seu escopo da luta, questiona e responsabiliza o modelo consumista e esbanjador do capitalismo.

Por uma Petrobrás estatal, efetivamente pública e dedicada à pesquisa de novas matrizes energéticas - A Petrobrás precisa ser 100% estatal e estar sobre o controle público para que sua atuação seja realmente focada nos interesses do povo trabalhador. A defesa do meio ambiente não interessa às

transnacionais petrolíferas nem aos grandes acionistas privados da estatal brasileira. Eles podem até assumir algum verniz ecológico se isso for agregar conceito e valor à imagem da corporação, mas não lhes interessa alterar a estrutura poluidora do negócio e colocar em risco seus lucros. A Petrobrás, em parceria com universidades, centros de pesquisa e institutos de tecnologia públicos, deve se estabelecer como um pólo de estudo e desenvolvimento de energias limpas.

Campanha do petróleo mobiliza luta real por energias limpas

- A necessidade de substituição dos poluidores combustíveis fósseis por fontes limpas de energia aparece na cartilha da maioria dos movimentos ambientalistas faz muito tempo. Mas poucos setores e organizações sociais de outras áreas se envolvem nessa briga. A campanha O Petróleo Tem que Ser Nosso é a possibilidade concreta de reunir estudantes, trabalhadores, sindicalistas, educadores, comunicadores, sem terra, sem teto, partidários, anarquistas, enfim, toda gama de segmentos numa luta que integre, a partir da defesa dos nossos recursos naturais, soberania nacional, consciência ecológica e combate as desigualdades sociais.

Fonte: Agência Petroleira de Notícias do Sindipe-tro-RJ (www.apn.org.br)